FATORES A QUE O AGRO PRECISA ESTAR ATENTO EM 2023

ANDRÉ DIZ[1], ROBERTA POSSAMAI[2], FELIPPE SERIGATI[3]

Há diversos fatores, internos e externos, que justificam uma desaceleração da economia brasileira em 2023.

A ECONOMIA mundial encerrou o ano de 2022 testemunhando um conjunto grande de turbulências: variante ômicron do coronavírus, guerra no Leste Europeu, crise energética da Europa, incertezas e preços elevados nos mercados de fertilizantes, elevação das tensões entre a China e o Ocidente, novo mandato de Xi Jinping e a sua política de "COVID Zero", eleições no Brasil etc. E para 2023? Quanto dessas agitações de 2022 ainda condicionará os cenários para 2023?

De forma sintética, em 2023, o mundo deverá crescer menos – no momento em que este artigo é escrito, uma recessão mundial não é o cenário-base, embora não possa ser descartada. Um mundo que cresce menos tem um menor apetite por *commodities*. Como, para o mercado internacional, o Brasil é visto como um grande fornecedor de *commodities*, há uma conjuntura externa, agora em 2023, menos favorável para o País do que foi lá em 2022.

Por trás desse menor crescimento, há três fatores principais. Primeiro, não está claro se a flexibilização da política "COVID Zero" na China trará um fôlego adicional à sua economia ou se será uma fonte de novas turbulências. Segundo, do outro lado do Pacífico, os Estados Unidos (EUA) deram os primeiros sinais de que a sua inflação, finalmente, está cedendo. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer até que essa inflação passe a operar próximo de 2% a.a. (a meta do Banco Central norte-americano). Se os EUA conseguirem desaquecer o seu mercado de trabalho de forma mais suave, o mundo ganhará um impulso adicional que se refletirá nos mercados de *commodities*. Caso contrário, se for necessário gerar uma recessão mais dura, o mundo crescerá menos e os mercados de *commodities* responderão na mesma direção. E, por fim, o Planeta não pode esperar qualquer impulso de crescimento vindo da Europa. Devido ao conflito no Leste Europeu, o continente ainda tem muitos problemas para resolver, de forma que, se não surgir nenhuma turbulência adicional dali, já será uma ótima notícia para o resto do mundo.

A crise fiscal e as estratégias de crescimento econômico sinalizadas pelo novo governo do Brasil têm gerado pessimismo e turbulências nos mercados. Esses movimentos trazem volatilidade para o mercado de câmbio e de juros, o que é desfavorável ao universo agro. Ao menos, caso se confirme uma La Niña menos intensa, o setor poderá ter uma preocupação a menos (embora isso nunca seja um fenômeno generalizado pelo território nacional, dada a sua extensão).

Enfim, do que é possível enxergar no momento em que este artigo é escrito, esses são os fatores da conjuntura macro a que o setor tem de permanecer atento ao longo de 2023. Nos próximos parágrafos, vamos detalhar cada um desses pontos.

INFLAÇÃO MUNDIAL ELEVADA

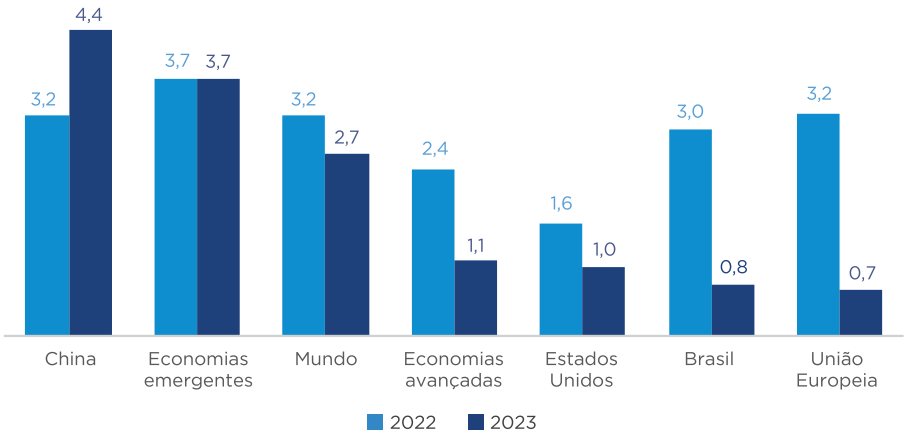
O movimento de normalização da circulação de pessoas e mercadorias ao longo de 2021, após o pior momento da pandemia de COVID-19, juntamente à desorganização da cadeia produtiva mundial, pressionou os preços de diversos bens e serviços desde o fim do segundo trimestre daquele ano.

Se, por um lado, o desequilíbrio da cadeia global de suprimentos (falta de peças e componentes) gerou problemas na oferta; por outro lado, as políticas fiscais e monetárias de sustentação da atividade econômica (como isenção de tributos, pagamento de auxílios financeiros à população mais vulnerável, entre outros) mantiveram a demanda elevada. A consequência natural do descompasso entre os fundamentos da economia foi a escalada global da inflação em praticamente todos os mercados do Planeta.

Além disso, como se não bastasse esse cenário, no fim do primeiro trimestre de 2022, ocorreu o início do conflito bélico entre a Rússia e a Ucrânia, que, entre outras consequências, desorganizou ainda mais os mercados essenciais para a economia mundial (como petróleo, gás e alimentos), aumentando de forma geral os preços, que já se encontravam em patamares elevados.

O resultado foi uma crescente pressão sobre os níveis gerais de preços. Combustíveis mais caros elevam os preços de todos os demais produtos pelo encarecimento do transporte. Gás mais caro eleva o preço da energia, insumo para qualquer atividade produtiva, seja industrial ou de serviços. Por fim, a desorganização na cadeia de algumas *commodities* agrícolas, seja pelo conflito europeu (trigo), seja por questões climáticas no hemisfério Norte (milho) ou Sul (soja), encerra um quadro de forte pressão inflacionária.

PROJEÇÃO DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB EM 2022 E 2023
(%)



Fontes: FMI; BCB

APERTO DA POLÍTICA MONETÁRIA EM DIVERSAS NAÇÕES

Diante de todo esse cenário adverso, a correta resposta dos Bancos Centrais pelo mundo para tentar conter a escalada da inflação tem sido a elevação das taxas básicas de juros. Esse movimento de aperto monetário, vale ressaltar, já está gerando efeitos na inflação de importantes nações, como os EUA (porém, ainda longe do ideal). Contudo, a intensidade, a amplitude e o horizonte de persistência dessas medidas justificam ainda mais as perspectivas de desaceleração das taxas de crescimento da economia mundial.

No caso específico da economia brasileira, esse movimento de aumento dos juros básicos nos mercados externos, por um lado, mantém a taxa de câmbio em patamares mais elevados, fato este que contribui para o fortalecimento das exportações e o consequente encarecimento das importações. Por outro lado, a dificuldade em estancar a alta da inflação (que deve encerrar 2022 em 5,9% e 2023 em 5,1%) mantém as taxas básicas de juros da economia brasileira em patamares elevados (13,75% em 2022 e 11,75% em 2023), encarecendo o crédito no mercado doméstico e freando a expansão de uma parte dos investimentos do setor agropecuário, inclusive de máquinas e implementos.

POLÍTICA DE COVID-19 NA CHINA

Desde o início da pandemia de COVID-19, a China adota a política "COVID Zero", impondo regras bastante rígidas à sua população, com fortes controles nas fronteiras e radicais *lockdowns*. Naquele momento, quando não existiam vacinas para a doença, outras nações adotaram as mesmas políticas, mas foram flexibilizando assim que as vacinas foram surgindo, ao contrário do país asiático, que ainda adota as mesmas medidas, com igual ou maior intensidade.

Essa política, além de não conter a disseminação atual do vírus – que, com a variante ômicron, se tornou ainda mais transmissível –, está restringindo o crescimento econômico do país e dificultando a recuperação da cadeia global de suprimentos no mundo inteiro, sem contar a insatisfação popular que essas medidas estão causando aos chineses.

No entanto, é importante ressaltar que, com a forte pressão popular, no início de dezembro último, o governo da China declarou que vai flexibilizar algumas das restrições impostas para combater a disseminação da COVID-19, porém não deixou claro quais serão as medidas. Além disso, as consequências para a economia e o sistema de saúde são ainda mais incertas, uma vez que a vacinação continua em baixa no país.

FATORES INTERNOS RELEVANTES E INCERTOS

Claramente, o Brasil não sairá imune à desaceleração das principais economias do mundo, à possível manutenção do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, ao aumento dos juros em importantes nações (como os EUA e países da União Europeia) e às medidas tomadas pela China. Além desses fatores externos, outras razões internas, provavelmente, irão contribuir para a desaceleração do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Entre elas:

- Para conter a inflação, o Banco Central do Brasil (BCB) tem aumentado os juros nos últimos meses. A política monetária contracionista, de modo geral, demora a gerar reflexos, devendo impactar o crescimento econômico somente neste ano.

- Incertezas sobre a política fiscal implicam uma moeda nacional mais depreciada, o que piora as expectativas de inflação. Com isso, o BCB tem dificuldades de reduzir a taxa de juros, gerando efeitos negativos na atividade econômica.

Diante disso, fica evidente que não faltam motivos para explicar a perspectiva de desaceleração da economia brasileira neste ano, uma vez que os cenários externo e interno contribuem para isso. No entanto, é importante destacar que, se o novo governo fizer um esforço para melhorar a política social sem abrir mão da fiscal, o País terá muito a ganhar em termos econômicos, notadamente no longo prazo. ■

1 Mestre em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) e pesquisador do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) – acosta.diz@gmail.com

2 Mestre em Agronegócio pela Escola de Economia de São Paulo da FGV (FGV EESP) e pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br

3 Doutor em Economia pela FGV EESP, professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br